

Apresentação:

A Revista *Iluminuras* 21, através dos seis artigos que a compõem, nos apresenta uma importante reflexão sobre a imagem, do ponto de vista de seu tratamento documental. Ao lermos estes artigos, nos deparamos com ordens diferenciadas de preocupações com a representação etnográfica, sejam elas preocupações no âmbito metodológico ou epistemológico da produção, sistematização, classificação e análise dos dados imagéticos que compõem o trabalho do antropólogo. No contexto atual de intenso debate sobre cultura e patrimônio, estes textos nos deixam pistas para pensar o estatuto de documento das imagens produzidas no interior da pesquisa etnográfica, bem como as formas de circulação e disponibilização destas imagens, no respeito às suas origens cósmico-sociais.

No artigo “Coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração: um espaço de problemas”, que abre esta revista, percebemos a complexidade de um pensamento antropológico através de imagens. Apoiada no estruturalismo figurativo de Gilbert Durand, a autora nos fala do dinamismo criador das imagens que orienta os processos de construção da representação etnográfica, no interior dos estudos sobre memória e imaginário no mundo urbano contemporâneo. É através do método de convergência – num processo de classificação simbólica das imagens a partir de um tema arquetipal – que se constroem coleções etnográficas que reúnem dados de campo os mais diversos. É este trabalho de imersão nas imagens e nos jogos da memória do outro que configura, para a autora, uma etnografia da duração.

Esta imersão nos jogos da memória é apresentada no artigo “Cidade Sitiada, o medo como intriga”, que trata da produção de um vídeo etnográfico sobre as feições da crise na cidade moderno-contemporânea. As autoras tecem, a partir das narrativas de seus interlocutores-personagens do documentário, reflexões sobre o tempo passado e o tempo presente, onde transitam as figuras do imaginário do medo. A cidade e suas transformações são apresentadas através da semântica das feições da crise e do medo, articulada pelas autoras na composição de uma escrita que combina fragmentos de relatos biográficos, fotografias e extratos do roteiro de edição do documentário no interior do texto. Uma estética que procura aproximar a construção de sentido da escrita com a imagem videográfica.

Neste campo do filme etnográfico, é inegável a contribuição de Jean Rouch para uma Antropologia Visual, preocupada com a representação fotográfica e videográfica do outro. O artigo “A dramaturgia do Imaginário e da Fabulação” apresenta de forma original a obra de Jean Rouch ao apontar o estatuto de documento que é dado a uma Antropologia do Sensível, onde as memórias, desejos, devaneios dos personagens estão em primeiro plano. Neste sentido, a autora nos fala de uma estética do encontro e do confronto que marcam o cinema-verdade de Rouch, principalmente no filme “Crônicas de um Verão”, de 1961. Esta discussão a respeito de um encontro/confronto do cinema-verdade acaba problematizando a idéia de uma sociabilidade documental, ou seja, a forma como o próprio pesquisador/realizador se inscreve nas imagens que produz.

Uma discussão que também está presente, embora de maneira diferente, no artigo “As fontes escritas do pensamento antropológico, seus dilemas e desafios: um ensaio”, que vai apresentar os dilemas e as negociações do encontro do pesquisador com o texto etnográfico. Aqui, as singularidades da representação textual dos antropólogos e

sentidos da representação etnográfica na construção da imagem do outro são o contexto de um texto preocupado com as condições da produção de conhecimento em Antropologia através não só da escrita como da pesquisa em fontes escritas, na produção de acervos e coleções. Os autores apresentam questões relacionadas à autoridade etnográfica, a autoria e ao autor do texto sob a perspectiva dos estudos que vem sendo desenvolvidos no grupo de pesquisa sobre a escrita etnográfica no Biev.

O artigo “Sobre o mergulho na descoberta dos sons: a experiência de escrutínio dos dados sonoros através de sua inserção no Banco de sons do Biev” também apresenta a experiência de um grupo de pesquisa do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, o grupo de pesquisa em etnografia sonora. Neste texto, a reflexão gira em torno do tratamento documental das imagens sonoras e da construção de um acervo que reúne as imagens sonoras produzidas pelos membros do grupo em suas pesquisas. Este texto tem como pano de fundo uma relação entre etnografia sonora e etnografia da duração, ao apresentar o acervo de documentos sonoros como “guardião da memória” destas imagens. No entanto, o foco do artigo são as condições metodológicas e epistemológicas de produção do acervo como fonte de produção de conhecimento em Antropologia.

Finalmente, em “Etnografia: saberes e práticas”, nos deparamos com as bases de toda a produção antropológica discutida nos artigos anteriores, ou seja, o método etnográfico. Neste artigo as autoras apresentam as particularidades do fazer etnográfico tanto no que se refere aos procedimentos metodológicos, como aos deslocamentos epistemológicos necessários à produção de dados para uma pesquisa em Antropologia. Ao narrarem as diferentes técnicas e procedimentos adotados pelos pesquisadores em campo, para o caso das pesquisas em antropologia, as autoras apresentam as condições necessárias para esta pesquisa: relativismo cultural e construção da alteridade; uma discussão que percorre todos os outros textos desta revista, de forma direta ou indireta, ao refletirem sobre a representação etnográfica do outro.

Viviane Vedana